

Peru

Da Prosperidade ao Propósito
Perspectivas sobre a Filantropia e Investimento Social Privado
na América Latina



Peru em resumo

População

30,38 milhões

PIB

US\$202,3 bilhões

Taxa de crescimento do PIB

5,8%

PIB per capita

US\$6.662

Índice de Gini

45,3 (2012)

PNUD Índice de Desenvolvimento Humano

0,737 (82º de 187 países)

Índice de Progresso Social

66,29 (55º de 132 países)

Taxa de pobreza a US\$4 por dia

25,8% (2011)

Taxa de pobreza a US\$2 por dia

8,7% (2011)

Taxa de pobreza abaixo da linha da pobreza nacional

23,9%

Taxa de desemprego (do total da força de trabalho, estimativa nacional)

3,6% (2012)

Dados do Banco Mundial e para 2013, a menos que indicado de forma diferente.

Peru: Contexto do país

Peru é um país multiétnico, com uma população de mais de 30 milhões de habitantes. Ele é rico em biodiversidade e patrimônio cultural, e tem um forte senso de identidade nacional. Tendo sobrevivido a um conflito extremamente violento perpetrado pelo governo e pelo grupo maoísta Sendero Luminoso durante os anos 80 e 90 – no qual cerca de 70.000 civis foram mortos – o Peru surgiu como uma nação relativamente estável e próspera no início do século XXI. Com crescimento, o Peru se beneficiou de uma maior equidade, redução da pobreza, menor desemprego e uma classe média em ascensão. Em 2013, seu PIB chegou a US\$202 bilhões¹.

A situação do Peru mudou dramaticamente na última geração. Ante uma inflação violenta, que chegou a mais de 12.000% em 1990, o Peru introduziu reformas econômicas severas ao longo de toda a década, no governo do controverso Presidente Alberto Fujimoro². As reformas neoliberais de Fujimoro, que promoveram investimentos internacionais, reduziram gastos governamentais e aumentaram o comércio exterior, conseguiram deter a hiperinflação e lhe asseguraram alguns apoios públicos, apesar do seu estilo autoritário³.

Desde 2000, o Peru registrou níveis significativos de crescimento econômico. O PIB do país cresceu a uma taxa média de quase 7% ao ano, de 2005 a 2013⁴. Esse crescimento econômico traduziu-se em patrimônio elevado para uma pequena minoria da população peruana. Ao final de 2013, um estudo estimou que havia 23.009 HNWIs no Peru, com um patrimônio conjunto de mais de US\$127 bilhões⁵. Além disso, dez peruanos foram incluídos na lista dos bilionários da Forbes de 2013, comparados com apenas dois no ano anterior. O patrimônio acumulado desses dez peruanos somava US\$23,3 bilhões, ou mais de 10% do PIB peruano⁶. Apesar dessa concentração de renda, a desigualdade no Peru é relativamente baixa para a região. Em 2012, o índice de Gini do Peru era 45,3, o segundo mais baixo de todos os países deste estudo⁷.

O bem estar social melhorou e a pobreza caiu consideravelmente na última década, beneficiando uma ampla base da população do país. O número de peruanos que vivem na pobreza (com renda abaixo de US\$4 por dia) caiu para quase a metade, de 46,5% da população em 2005 para 28,8% em 2011, e os que vivem na extrema pobreza (com menos de US\$2 por dia) caiu de aproximadamente 19% para 8,7%⁸. De acordo com um relatório do PNUD, entre 2000 e 2012, a classe média do Peru (a população que vive com uma renda de US\$10-50 por dia) aumentou 19%, mais que dobrando sua participação para 34,4% da população geral⁹.

No entanto, a desigualdade e a pobreza persistem para muitos peruanos. Um estudo da UNICEF, de 2010, registrou que 78% das crianças indígenas do Peru, uma população de mais de um milhão de crianças, vivem na pobreza, quase o dobro das demais crianças¹⁰. A pobreza também está fortemente concentrada nas regiões rurais do país. Em 2013, 48% dos habitantes rurais do Peru ainda viviam em situação de pobreza – o dobro da média de todo o país – comparado com apenas 16% dos habitantes nas áreas urbanas¹¹. Mesmo aqueles que saíram da pobreza podem retornar para essa faixa: em 2012, 40% da população era considerada vulnerável, vivendo com US\$4–10 por dia¹².

Na medida em que o país busca melhorias contínuas no bem estar social e econômico para todas as classes, o governo procura reduzir ainda mais essas diferenças, através de programas de educação ampliada e de melhor qualidade, de saúde e de serviços sociais.

Filantropia e investimentos sociais no Peru: Principais características e tendências

Pouquíssimas pesquisas analisaram o setor filantrópico do Peru. As organizações engajadas em estudar e promover o setor são poucas, e os estudos que exploraram e analisaram o ambiente para doações filantrópicas e investimentos sociais são limitados. Portanto, as observações a seguir devem ser consideradas preliminares e necessitam de mais estudos.

Tradições de longa data em doações de caridade

O ato de fazer doações está profundamente enraizado nas tradições e práticas que datam da época das sociedades pré-hispânicas, que eram destinadas a assegurar o bem estar coletivo. Conhecidas por “*reciprocidade Andina*”, essas culturas praticavam um sistema de ajuda mútua, de produção e distribuição através de ligações sociais altamente inclusivas, sustentando particularmente populações com poucos recursos¹³. A filantropia mais contemporânea surgiu nos séculos XIX e XX, quando membros da elite da sociedade do Peru, inspirados pelas doutrinas cristãs de caridade e moralidade desenvolvidas durante a colonização espanhola, começaram a estabelecer organizações de bem estar para realizar atividades filantrópicas. Essas instituições financiadas através de filantropias, em associação com o trabalho da Igreja Católica, forneceram extensos serviços aos desfavorecidos, na forma de educação aprimorada, saúde e bem estar¹⁴.

O século XX trouxe uma mudança e crescimento ao setor de filantropia, na medida em que a sociedade se tornou mais politizada, a imigração urbana aumentou consideravelmente, as empresas familiares cresceram e o setor social floresceu. Ao mesmo tempo, esse período parece ter sido caracterizado por uma mudança na caridade paternalista, com um aumento na filantropia dirigida diretamente à mudança social. Entretanto, a violência e o terrorismo dos anos 80 e 90 restringiram de forma crítica a sociedade civil e o apoio assistencial da filantropia. As ONGs eram vistas como instrumentos dos terroristas da esquerda, e qualquer envolvimento com uma ONG poderia levar a perigosas acusações de estar apoiando os terroristas. Essa desconfiança na sociedade civil continua até os dias atuais e, provavelmente, ainda inibe o apoio a ONGs e responde pela relutância de muitos de falar sobre dados mais específicos de suas doações.

Embora não haja dados públicos disponíveis e as pessoas se mostrem relutantes em falar sobre suas próprias doações à caridade, é provável que uma parcela significativa de filantropia pessoal continue a apoiar serviços diretos para os pobres, direta ou indiretamente relacionados com a Igreja Católica. Uma parcela desconhecida, talvez limitada, porém de crucial importância, das doações e dos investimentos sociais foca cada vez mais na redução da pobreza no longo prazo, no desenvolvimento econômico e na igualdade.

Pesquisa e infraestrutura filantrópicas limitadas

Devido à falta de dados, a escala, o escopo e as características da filantropia atual do Peru não estão claros. Enquanto existe uma escassez de dados a respeito de doações filantrópicas na maioria dos países da América Latina, esse problema é particularmente grave no Peru. Não existem virtualmente informações atuais sobre doações pessoais ou institucionais. Além disso e, ao contrário de alguns países, como a Colômbia, o México e Brasil, não existem organizações ou iniciativas peruanas que regularmente levantem e disseminem conhecimentos sobre o setor ou promovam e apoiem filantropos.

A *Universidad del Pacífico (Universidade do Pacífico)* realizou uma excelente pesquisa sobre filantropia no Peru e na região, mas ela não tem um programa contínuo e sustentável, ou recursos, para continuar a desenvolver a base de conhecimentos. Adicionalmente, uma organização altamente conceituada, a *Peru 2021*, patrocina e apoia RSC, mas isso está limitado à filantropia empresarial e não à filantropia privada.

Devido a essa falta de conhecimento e de infraestrutura, associada ao desejo de anonimato de muitos doadores, a maioria das pessoas neste estudo desconhecia muitas vezes os esforços substanciais e inspiradores de seus pares. Parece que existem poucas oportunidades para a interação entre filantropos pessoas físicas ou organizações.

“Compreensivelmente, os empresários focaram no desenvolvimento de suas próprias empresas, mas eles têm ciência de que precisam pensar mais sobre o que é bom para o país e se envolver mais.”

Anônimo

Empresas percebidas como líderes nas doações organizadas

Apesar da falta de dados, existe um consenso geral de que a filantropia está gradualmente aumentando no país, e que a maior parte desse crescimento está no setor empresarial. Como em outros países da região com muitas empresas familiares, muitas vezes não é fácil separar claramente a doação empresarial da doação familiar, nas empresas em que os membros da família dirigem tanto as atividades da empresa como as da filantropia. Contudo, parece que, no Peru, a maior parte das fundações associadas a uma empresa particular se identifica como fundação empresarial. Cynthia Sanborn, diretora do Centro de Pesquisas e professora de Ciências Políticas na *University of the Pacific* e coeditora do *Philanthropy and Social Change in Latin America (Filantropia e Mudança Social na América Latina)*, relata que, em 1998, o Peru tinha 127 fundações identificáveis e que, até 2010, esse número tinha aumentado para 312. No entanto, ainda havia algumas que eram na realidade fundações familiares e não empresariais.

Na sequência da liberalização do mercado dos anos 90, o setor privado do Peru começou a crescer substancialmente. O crescimento econômico produziu a elevação das taxas de emprego e rendas mais altas, assim como a maior importância do papel das empresas na sociedade. Parcialmente devida a essa expansão, a RSC – inclusive a expectativa de que as empresas deveriam se engajar em filantropia – também aumentou. Pesquisa feita por Sanborn verificou que 14 das 31 maiores empresas tinham suas próprias fundações ou associações para atividades caritativas, e 12 tinham programas de voluntariado na empresa¹⁶. No entanto, dados específicos sobre o volume ou impacto das doações no Peru ainda não se encontram disponíveis.

Nos dias atuais, parece que as empresas extrativas, uma das indústrias mais ricas do país, foram responsáveis pela maior parte das doações empresariais. Devido à sua natureza intrínseca, isto é, removendo recursos não renováveis de uma comunidade, muitos acreditam que essas empresas tem uma responsabilidade impar de fazer investimentos sociais nas comunidades em que operam. Dados atuais sobre investimentos não estão disponíveis. Os dados mais recentes, publicados há quase 20 anos, em 1997, indicam que as 30 maiores empresas mineradoras e petrolíferas fizeram

contribuições filantrópicas de US\$21 milhões, representando quase 60% do total anual das doações empresariais¹⁷. Novos estudos com dados atualizados são criticamente necessários, para melhor compreender as doações no Peru.

Os entrevistados e os que responderam a pesquisa sugerem que o ambiente regulatório e fiscal é mais favorável para empresas do que para pessoas físicas ou fundações independentes. Por exemplo, a *Ley de Obras por Impuestos (Lei de Obras por Impostos)* permite que as empresas invistam em obras públicas e recuperem o valor total do investimento de seu imposto de renda. Isso inclui a construção ou melhoria de hospitais e outras instalações de serviços de saúde, instituições educacionais, infraestruturas recreativas e de esportes e estabelecimentos culturais.

Um filantropo entrevistado para este estudo especulou sobre por que os empresários preferem fazer sua filantropia através de estruturas empresariais, no lugar de estruturas independentes. *“Há pouca riqueza herdada no Peru. A maior parte das pessoas com patrimônio elevado aqui desenvolveram seus próprios negócios. Assim, a capacidade de fazer doações está muito ligada a lucros empresariais. A filantropia é vista como sendo muito relacionada com o sucesso da empresa”*. Continuou ele: *“Existe também um forte estudo de caso para isso. As empresas precisam demonstrar sua consciência social. A geração mais jovem, em particular, quer comprar produtos de bons cidadãos corporativos. Ela também quer trabalhar para empresas que tenham uma sólida ética social.”*

Adicionalmente, Felipe Ortiz de Zevallos – um engenheiro, empreendedor, fundador do *Grupo APOYO* e ex-embaixador do Peru nos Estados Unidos – sugeriu importantes e amplas razões para o relativamente baixo nível de filantropia privada organizada. *“Sempre houve caridade tradicional através da igreja para serviços diretos, mas nenhuma história forte de cidadania. Além disso, desde os anos 80, o país vem registrando turbulências. Tivemos terrorismo, falências econômicas e insucesso político. Os peruanos tiveram que viver necessariamente com uma mentalidade de sobrevivência. Não era clima para se pensar em investimentos sociais.”*

“Ao longo da última década, doações e investimentos sociais de empresas aumentaram significativamente, mas a visibilidade das doações de pessoas e famílias com patrimônio elevado ainda é muito pequena.”

Cynthia Sanborn

Ambiente político e regulatório necessita de melhorias

Em geral, o ambiente regulatório no Peru não promove doações filantrópicas e, dessa forma, pode ser considerado um sério obstáculo a seu crescimento. Existem incentivos fiscais limitados para doações de pessoas físicas, desincentivos para o estabelecimento de fundações filantrópicas e certa desconfiança em instituições filantrópicas da parte do setor.

Uma legislação recente limitou intencionalmente os benefícios fiscais das doações de caridade. Os donativos que têm direito a deduções fiscais estão restritos às entidades sem fins lucrativos registradas na *Superintendencia Nacional de Administración Tributaria – SUNAT*, e limitadas àqueles operando em áreas estreitamente definidas como sendo de propósito social, conforme definido no código civil¹⁸. A requisição de deduções fiscais também é trabalhosa e burocrática, exigindo de ambos – das organizações sem fins lucrativos e dos doadores – apresentação de evidências e submissão de formulários para fins de reembolso através da *SUNAT*. Adicionalmente, não existe imposto sobre herança, o que incentivaria a constituição de fundos patrimoniais caritativos. Ademais, considerando que cerca de 50% da economia peruana está no setor informal¹⁹ há uma pressão sobre uma pequena parte da economia para prover receitas fiscais; portanto, também há pouco otimismo sobre qualquer mudança nessa área no futuro próximo. Existem divergências sobre o real efeito dessas políticas nas doações. Diversas pessoas enfatizaram que o ambiente regulatório no Peru era uma barreira para as doações. Tony Custer observou: “As pessoas que poderiam fazer doações são desencorajadas pela falta de incentivos fiscais e pressões sociais profundamente enraizadas. O primeiro passo deve ser o desenvolvimento de melhores incentivos; isso seria o pontapé inicial.” Pelo menos um especialista discordou veementemente, argumentando que a decisão de fazer doações não é movida por incentivos fiscais, apesar de incentivos limitados poderem influenciar o valor da doação.

Além da questão fiscal, a constituição e operacionalização de uma fundação é administrativamente onerosa para peruanos e existem poucas vantagens financeiras ou outras vantagens para criá-las. As fundações requerem fundos patrimoniais e as atividades que elas podem realizar estão limitadas a fins religiosos, culturais ou perfeitamente definidos como sendo de “*interesse social*”. Além disso, os fundadores não

têm controle integral sobre a distribuição dos recursos e são fiscalizados de perto pelo *Consejo de Supervigilancia de Fundaciones (Conselho de Supervisão das Fundações)*, uma agência governamental encarregada do monitoramento dos propósitos, das atividades e dos ativos das fundações.

Várias pessoas reconheceram que a corrupção do passado relacionada a doações filantrópicas acarretou a redução dos incentivos, um aumento na fiscalização e um desafio para a criação de um ambiente regulatório mais favorável a doações. As doações filantrópicas também são amplamente vistas como uma oportunidade de ganho pessoal ou um mecanismo para tirar dinheiro do país. Independente de uma minoria ter feito isso ou não, essa percepção manchou a reputação da filantropia e ainda é necessário trabalhar para mudar as atitudes para melhor.

Otimismo cauteloso a respeito do crescimento do setor

Não obstante o baixo nível de investimentos sociais visíveis no Peru, existe um sentimento de otimismo cauteloso a respeito de seu crescimento. Com liderança política estável, crescimento econômico e consequente aumento na riqueza pessoal, muitas pessoas acreditam que há um senso de confiança crescente no país, e que as pessoas com patrimônio elevado irão querer cada vez mais contribuir para o futuro do país através do engajamento filantrópico. Cynthia Sanborn indicou: “A maior parte da riqueza privada no Peru é nova, tendo sido acumulada nos últimos 25 anos. Precisamos dar tempo à filantropia e aos investimentos sociais para eles se desenvolverem.”

Tony Custer, um importante empresário, filantropo, chef e autor, que formou a *Fundación Custer (Fundação Custer)* em 1996, disse que acredita que a filantropia vem crescendo desde os anos 80, e que provavelmente continuará a crescer. Bernardo Roca-Rey Miro-Quesada, cuja família é proprietária do jornal mais antigo e de maior circulação no país, *El Comercio*, disse: “Eu acho, e espero, que nos próximos 2 ou 3 anos teremos mudanças positivas.” Entre os que responderam a pesquisa, todos disseram que a necessidade de filantropia no Peru era ou muito urgente ou urgente, e a maioria estava otimista a respeito de seu crescimento nos próximos 5 anos.

Motivações e influências filantrópicas

Como seus pares em outros países da América Latina, as pessoas no Peru têm uma variedade de razões para fazer doações, mas as principais influências parecem manter-se na maioria dos países: valores e modelos da família; um forte senso de obrigação moral; uma paixão pessoal por uma questão; e um desejo de criar o bem social que ajudará tanto o país como seus cidadãos mais vulneráveis.

Valores da família respaldam as doações

Muitos participantes viam na filantropia, uma forma de refletir e inculcar os valores familiares. Quase sem exceção, as pessoas enfatizaram a forte crença de sua família em ajudar os necessitados e o fato de esses valores terem sido ensinados e demonstrados a eles desde a tenra idade. Muitas também falaram sobre a filantropia como forma importante de reforçar os laços e valores da família, e os esforços intencionais de passar os mesmos valores para seus filhos.

Tony Custer falou sobre a forte influência de seus pais. Sua mãe estava profundamente envolvida em ajudar meninas e jovens senhoras e seu pai estava envolvido na YMCA (ACM). *“Eles sempre estavam fazendo algo para ajudar pessoas ou grupos de pessoas.”* Felipe Custer, o filho de Tony Custer e membro do conselho da *Fundação Custer*, compartilhou essa visão sobre a influência da família: *“Fui criado dessa forma. Quando jovem, observava meu pai e agora trabalhamos juntos como uma família para beneficiar outros.”*

Marco Aveggio, diretor da *Fundación Wiese (Fundação Wiese)*, ressaltou que a fundação desempenhou um importante papel na construção e renovação da coesão da família. Virtualmente 100% da família, abrangendo cinco famílias individuais, está envolvida na fundação e faz questão de se encontrar uma vez por mês. Aveggio foi recentemente convidado a fazer uma apresentação no Chile, sobre famílias e fundações, e ressaltou: *“A Fundação é o pilar de nossa família. Ela reúne diferentes famílias e diferentes gerações para trabalharem juntas em uma meta e visão comum. Ela cria laços e constrói relacionamentos.”*

Senso de responsabilidade e obrigação moral

Muitos dos entrevistados acreditavam que tinham uma obrigação moral de ajudar os necessitados. *“Os que têm mais precisam ajudar os que têm menos”* destacou um entrevistado. Joaquín de la Piedra, cofundador da entidade sem fins lucrativos *Kusimayo* (que em quéchua quer dizer *Rio Feliz*), falou sobre os longos períodos passados numa fazenda de trutas nos Andes, quando criança, e que lhe abriram os olhos. *“Na cidade, talvez seja mais fácil nos isolarmos dos desfavorecidos. Mas, no campo, você não consegue ignorar a pobreza. Ela está ao redor de você. Testemunhando oportunidades de ajudar na zona rural de Puno, eu soube que tinha uma obrigação de fazer algo.”* Outra pessoa enfatizou: *“Se você não ajuda os necessitados, eu lhe digo, tenha vergonha.”*

Tony Custer também observou que ele foi influenciado na época em que viveu nos Estados Unidos, onde *“mesmo no ensino médio, os alunos eram envolvidos em toda a gama de esforços para ajudar o outro; era parte da cultura. Quando mais tarde fui estudar em Harvard, este conceito de cidadania e responsabilidade me motivou ainda mais.”*

Contribuindo ao “Peru do século XXI”

Muitos expressaram um forte desejo de pessoalmente contribuir para o desenvolvimento do país e para a criação de um novo Peru do século XXI. Na medida em que o país emergiu da instabilidade política, da turbulência econômica e do crime violento, muitos enfatizaram seu compromisso para ajudar a criar, através de esforços filantrópicos, um país *“de primeiro mundo”, “estável”, “pacífico” e “justo”*. Ao contrário dos demais países, onde parecia haver um foco muito forte na comunidade ou na região, muitas pessoas no Peru destacaram suas metas nacionais abrangentes, mesmo se as suas doações eram mais locais. Frida Delgado Nachtigall, diretora da empresa de multimídia de propriedade de sua família, o *Grupo RPP*, e presidente da ONG fundada por sua família *Integración (Integração)*, esperava que as doações de sua família, atualmente feitas em grande parte através da empresa, fossem *uma alavanca para o desenvolvimento abrangente do Peru e dos peruanos. Podemos ajudar o país e o seu povo para um futuro melhor.”*

“Muitos no Peru já alcançaram sucesso econômico; eles procuram agora um significado social.”

Diego de la Torre

“A Fundação é a pedra angular de nossa família expandida. Ela reúne diferentes famílias e diferentes gerações para trabalharem juntas em uma meta e visão comum. Ela cria laços e constrói relacionamentos.”

Marco Aveggio

A sensação de querer fazer uma contribuição tangível e pessoal para o país foi impressionante. Como exemplo, Diego de la Torre, cofundador da *La Viga*, a maior empresa de distribuição de cimento e aço no Peru, observou que grande parte da filantropia peruana pode estar no desejo pessoal de uma pessoa em fazer a diferença, de contribuir para o bem geral e de deixar um legado não apenas de riqueza individual, mas de bem estar humano e social. “*Muitos no Peru já alcançaram sucesso econômico*”, de la Torre enfatizou, “*agora eles procuram significado social.*”

Competitividade empresarial, uma meta de alguns esforços filantrópicos

Conforme descrito anteriormente, muitas famílias empreendem filantropia através de empresas privadas e as prioridades e atividades de doação podem estar diretamente ligadas a interesses, metas e responsabilidades empresariais. Como uma pessoa explicou: “*Existe uma intensa pressão competitiva, uma vez que a globalização está batendo em nossas portas. Existem demandas internas e externas para uma melhor responsabilidade corporativa. Os clientes se preocupam com a fibra social da companhia e as empresas estão cientes de que precisam fazer mais.*” Felipe Custer, que está à frente da sustentabilidade corporativa na *Corporación Custer (Corporação Custer)*, destacou que a sustentabilidade está cada vez mais importante no Peru, não apenas para o desenvolvimento de uma vantagem competitiva, mas como parte de um maior compromisso com práticas éticas da empresa. Ainda existem oportunidades notáveis para melhorar nesse aspecto, com claros sinais de que o setor privado está ansioso em continuar a inovar em direção à sustentabilidade. Conforme observado acima, *Peru 2021* é essencial na promoção de RSC nacionalmente.

Prioridades e propósitos filantrópicos

As pessoas no Peru identificaram uma grande variedade de prioridades filantrópicas. Entre as questões chave estavam: educação, preservação e promoção do patrimônio cultural do Peru, além da criação de melhores oportunidades para os peruanos desfavorecidos e marginalizados, que não se beneficiaram do crescimento econômico do país.

Educação, chave do sucesso individual e nacional

Semelhante às opiniões expressas em outros países da América Latina, a educação é a prioridade número um para os filantropos e investidores sociais no Peru. Algumas pessoas focavam direta e exclusivamente na educação, enquanto outras incluíam a educação como parte de uma abordagem mais ampla para o desenvolvimento da comunidade ou nacional. Vale ressaltar que quase todos os que responderam a pesquisa indicaram a educação como prioridade máxima; foi o setor ao qual foram dadas as maiores doações em 2013, e que ficou no topo das prioridades para a filantropia e investimento social no futuro.

Existem numerosas razões para a educação ser uma prioridade tão alta, tanto para os filantropos, como para a própria nação. Primeiro, o Peru tem um dos mais baixos índices da região de eficiência educacional. De acordo com estudos realizados pelo Ministério da Educação, quando os alunos chegam a 6ª série do ensino fundamental, somente 12,1% possuem habilidades de leitura e de redação apropriadas para a sua idade ou série, e apenas 7,9% têm bom desempenho em matemática. Além disso, aproximadamente 30% das crianças que chegam à primeira série não estão preparadas para o aprendizado formal.

Assim como a educação confere às pessoas potencial progressão da pobreza para a segurança econômica e maior bem estar, ela é vista como sendo crítica tanto no nível pessoal, como no nível familiar. Como uma pessoa, que dirige um programa significativo de fornecimento de bolsas de estudo universitárias a estudantes desfavorecidos, porém capazes, destacou: *“A educação pode virar o jogo para uma família. Se uma criança recebe uma boa educação, que lhe permita conseguir um bom emprego, isso pode tirar toda a família da pobreza.”*

A educação também é vista como a chave para o progresso e desenvolvimento econômico nacional, assim como a escada do país para o século XXI. *“A chave para o desenvolvimento do Peru é a educação. O gargalo econômico do país é talento.”*

Os entrevistados ofereceram outras razões para sua ênfase em educação. Para alguns (não para todos), a educação é uma das áreas mais politicamente aceitáveis para filantropia, ao contrário de áreas como direitos humanos ou construção da democracia, que podem atrair a atenção não desejável do governo. Outros entrevistados reconheceram que doações à educação podem também ser vinculadas direta ou indiretamente a objetivos empresariais, ou seja, fornecer bolsas de estudo para treinamentos técnicos requeridos pela indústria ou apoiar escolas em uma comunidade na qual a empresa trabalha.

Apoiando alunos com dificuldades de aprendizado

Uma das metas da *Fundação Custer* é a de melhorar a qualidade da educação para crianças de comunidades carentes, que tenham dificuldades de aprendizado: uma missão moldada em grande parte pela experiência própria do fundador. Tony Custer descreveu: *“Um de meus irmãos enfrentou grandes dificuldades na escola, devido a uma severa dislexia e discalculia. Fiquei abismado em ver como, mesmo ele tendo tudo que precisava, a falta de um conhecimento terapêutico apropriado não lhe propiciou a ajuda de que necessitava. Anos mais tarde, fiquei mais abismado ainda, ao ver como era difícil para as crianças nas favelas de Lima conseguirem a ajuda que estava tão próxima a elas, porém a qual não conseguiam alcançar jamais.”* Essa experiência pessoal profundamente moldou o trabalho da *Fundação Custer*.

A fundação da família opera o programa *Aprendamos Juntos* desde 1998. Esse programa trabalha com crianças, pais e professores para promover sucesso e sentimentos de bem estar para essas crianças, que muitas vezes são ignoradas. Iniciado em 1998 com uma escola, o programa foi replicado em 12 escolas, atingindo 1.600 crianças, 50 professores e 800 pais a cada ano. Cumulativamente, a fundação e seu programa trabalharam com 8.500 crianças para melhorar o desempenho escolar e a autoestima delas, treinaram mais de 4.000 pais de alunos através de oficinas de trabalho práticas, e treinaram mais de 100 professores para ensinar crianças com dificuldades de aprendizado de um modo mais eficaz.

“A educação pode virar o jogo para uma família. Se uma criança recebe uma boa educação ... ela pode tirar toda a família da pobreza.”

Anonymous

“A chave para o desenvolvimento do Peru é a educação. O gargalo econômico de um país é talento.”

Anonymous

Investindo em pessoas, um aluno por vez

Como filantropos em muitos países, os peruanos frequentemente dão suporte a alunos para prover oportunidades educacionais. Pessoas no Peru, na Colômbia e no Chile fizeram investimentos em centenas de alunos através da *Lumni Inc.*, um fundo de investimento social que oferece empréstimos educacionais flexíveis para estudantes de baixa ou baixíssima renda, que frequentemente são os primeiros membros de uma família a frequentarem o ensino superior. Em vez de oferecer uma bolsa de estudo ou empréstimo, a *Lumni* concede investimento em educação e, em troca, cada estudante se compromete a pagar um percentual fixo de sua renda durante 120 meses após a sua graduação. O objetivo do programa é o de assegurar que o aluno não seja demasiadamente onerado por sua dívida, e a obrigação do estudante se encerra ao final de 10 anos, independente do total pago até aquela data. Como uma pessoa observou: “pessoas voltadas a negócios são atraídas para essa abordagem ímpar. Conheço várias pessoas que apoiam a *Lumni*.”

Educação para o século XXI

Outro programa inovador, mas bem diferente, na esfera do ensino superior é a *La Universidad de Ingeniería y Tecnología (Universidad de Ingeniería e Tecnología ou UTEC)*. Trata-se de um grande estabelecimento educacional que surgiu recentemente, a partir de um compromisso e apoio de inúmeras pessoas e instituições privadas. A UTEC é uma nova universidade privada em Lima, dedicada a oferecer educação de primeira linha na área de engenharia para peruanos, e de desenvolver a força de trabalho necessária para o crescimento econômico do Peru. A ideia originou-se com o Grupo *Hochschild*, ao qual se juntaram outras empresas privadas, inclusive a *Credicorp*, *CAT*, *Cementos Pacasmayo*, *Compañía de Minas Buenaventura*, e pessoas privadas.

Preservando o patrimônio nacional e a cultura do Peru

O Peru é um país com uma longa e diversa história cultural, e os peruanos se orgulham, compreensivelmente, da riqueza cultural de sua nação, tanto a passada como a presente. A cultura também é reconhecida como parte importante da saúde econômica do país, uma vez que o turismo é uma das maiores indústrias da nação. O capital filantrópico ajuda a preservar e a promover o rico e importante patrimônio cultural do Peru de múltiplas formas inovadoras.

As diversas culturas históricas do Peru – incluindo as populações pré-incaicas que datam em torno de 2200 AC e o Império Inca do início do século XIII – deixaram um legado físico rico de colônias, terraços agrícolas, aquedutos subterrâneos, esculturas, trabalhos em ouro e em metais, tecelagem e cerâmica. Durante cerca de 300 anos de colonização, o Peru absorveu as influências culturais dos colonizadores espanhóis e europeus. Ao longo dos séculos seguintes, as culturas africanas e asiáticas também contribuíram muito para o enriquecimento da paisagem peruana. A atual cultura reflete e celebra todas essas influências, ao mesmo tempo em que continua a acolher e a criar novas tradições culturais vibrantes.

Felipe Ortiz de Zevallos explicou a importância dos investimentos filantrópicos na cultura do país: “*O orgulho nacional em nossa cultura é uma grande força. Precisamos salvar esse patrimônio. Sem um esforço consciente para protegê-lo, ele desaparecerá.*” Outras conversas ofereceram mais razões para o envolvimento filantrópico na cultura. Um entrevistado sugeriu que, uma vez que é uma área ideologicamente neutra e, portanto, “segura” para doações, há pouco potencial o recuo do governo ou da população. Outro entrevistado adicionou que a filantropia cultural não corre o risco de argumentos potenciais sobre a área ser ou não de responsabilidade do estado. “*Quando você fala de áreas como educação e saúde, as pessoas argumentam que pagam impostos e que o governo deveria prover essas coisas. Mas cultura e arte são mais prontamente vistas como financiadas apropriadamente por contribuições privadas.*” Um filantropo anônimo admitiu ter feito contribuições significativas para um importante museu de arte. Outro observou que, todos os anos, ele capta contribuições substanciais para adquirir peças de arte peruanas para os museus locais.

O importante patrimônio arqueológico do Peru

Apesar de a *Fundação Wiese* ter historicamente focado seus trabalhos em assistência à saúde e em educação no Peru, as quais via como pilares fundamentais para o desenvolvimento da nação, ela começou a apoiar o patrimônio arqueológico do país, em 1990. Essa nova importante iniciativa focou em recuperar e preservar o legado arqueológico, de modo a poder compartilhar esse legado com o país e com o mundo.

“O orgulho nacional em nossa cultura é uma grande força. Precisamos salvar esse patrimônio. Sem um esforço consciente para protegê-lo, ele desaparecerá.”

Felipe Ortiz de Zevallos

O trabalho cultural da fundação começou em El Brujo, uma antiga colônia e centro cerimonial da cultura Moche, construído entre 1 – 600 DC. As escavações descobriram extensos relevos policromáticos, murais com pinturas e os restos da *Señora de Cao*, uma das mais importantes descobertas arqueológicas recentes. O sítio foi aberto ao público em 2006. Nos últimos anos e em parceria com outras instituições públicas e privadas, a *Fundação Wiese* também empreendeu um ambicioso programa de 10 anos, para desenvolver a Rota Moche, um circuito rodoviário que irá mostrar as atrações culturais do norte do Peru.

Também vale ressaltar que o foco da fundação foi expandido para além da preservação e pesquisa, para assegurar que comunidades locais se beneficiem desse sítio e que a área aumente dramaticamente o turismo. Esse programa foca, particularmente, o fortalecimento de pequenas e micro empresas locais, chamadas *mypes*, que prestarão uma variedade de serviços e de produtos a visitantes. Os trabalhos iniciais foram feitos em Magdalena de Cao, diretamente ao lado do sítio arqueológico, que se tornou agora um modelo para trabalhar em diversas comunidades da vizinhança. O objetivo final é criar um local turístico autossuficiente, que irá beneficiar a população local no longo prazo e de forma sustentável.

A cultura culinária ímpar do Peru

Em adição aos monumentos e artefatos antigos, orgulhosamente mostrados em Machu Pichu, El Brujo e em inúmeros outros sítios arqueológicos e museus, a culinária peruana tornou-se outro ícone cultural. Como um dos maiores símbolos de suas ricas tradições, a comida peruana tornou-se parte integral de sua identidade cultural e um foco chave para alguns filantropos. Como marca única peruana, sua culinária permite ao Peru promover uma característica nacional distinta, diferenciando-se de outras nações da América Latina.

Em 2007, o chef Gastón Acurio e um grupo de peruanos criou a *Sociedad Peruana de Gastronomía (Sociedade Peruana de Gastronomía ou APEGA)* com um capital filantrópico de US\$1 milhão. Desde então, eles ganharam cada vez mais apoio de filantropos privados e atores internacionais, incluindo US\$2 milhões do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), em 2012. Como um de seus fundadores e atual presidente,

Bernardo Roca-Rey Miro-Quesada, indicou, “a *APEGA* promove nossa culinária, fortalece nossa identidade cultural e contribui para a prosperidade do Peru e dos peruanos.” A *APEGA* é mais conhecida por seu evento anual *Mistura*, um festival de alimentos de duas semanas, que atrai mais de 600.000 pessoas. O evento visa fortalecer as ligações entre o público e uma multidão de atores na “*corrente gastronômica*”, envolvendo direta ou indiretamente, segundo estimativas, mais de cinco milhões de pessoas.

Semelhante ao trabalho da *Fundação Wiese* sobre o patrimônio arqueológico peruano, o trabalho da *APEGA* procura assegurar que a cultura alimentícia do Peru beneficie os desfavorecidos e desenvolva as economias de pequenas comunidades locais, e o trabalho de ambas as organizações foi reconhecido e apoiado por inúmeros filantropos. O grande interesse na gastronomia pode significar um enorme potencial para o desenvolvimento econômico e para o emprego no Peru. De acordo com um relatório elaborado pela *Oxfam*, em 2010, um em cada quatro empregos no Peru está relacionado à agricultura de pequeno porte. Além disso, o interesse em criar novos empregos na área da alimentação e na promoção do turismo está crescendo. Em 2008, mais de 95.000 turistas visitaram o Peru para fins gastronômicos²².

Em uma atividade relacionada, a *APEGA* desenvolveu um programa de promoção e comercialização de produtos fornecidos por pequenos agricultores. Ela também planeja lançar o programa, *Adote um Terraço*, através do qual organizações nacionais e internacionais e restaurantes renomados podem adotar um terraço nas montanhas onde são cultivados alimentos próprios do Peru. O programa planeja encorajar e apoiar pequenos agricultores e preservar os terraços únicos de 4.000 anos, que foram amplamente abandonados com a chegada da monocultura e da agricultura comercial.

Adicionalmente, a *Fundação Custer* celebra a culinária peruana ímpar de forma diferente. Tony Custer, fundador e presidente da fundação, também é um conhecido chef no país. Ele é autor de dois renomados livros de receitas, e toda a renda vai integralmente para a fundação.

Influenciando as políticas e opiniões públicas

Também fortemente relacionado à meta do desenvolvimento nacional, algumas pessoas engajadas em filantropia no Peru

“Somos defensores vigilantes dos direitos das crianças e dos jovens de receberem uma educação de qualidade e valorizarem a importância da educação em geral e da educação básica em particular, como avenidas para o desenvolvimento pessoas e ascensão social.”

Grupo RPP

discutiram seus interesses em influenciar a opinião pública e as políticas públicas, com vistas a incentivar e moldar a força econômica do país e o bem estar de seus cidadãos.

Como exemplo, o *Instituto APOYO* foi estabelecido, em 1989, pelo presidente e diretores do *Grupo APOYO*, uma importante empresa privada engajada em consultoria econômica, pesquisa de mercado e de opinião e na publicação de numerosos periódicos e relatórios econômicos. O Instituto *APOYO* é um laboratório de ideias filantrópico, sem fins lucrativos, que procura influenciar as políticas públicas com respeito ao desenvolvimento econômico sustentável, fortalecimento da democracia e promoção dos valores culturais. Mais especificamente, o Instituto espera se envolver em reformas judiciais, do congresso e de políticas, assim com em políticas sociais em educação, saúde e áreas desfavorecidas.

Os líderes da família do *Grupo RPP* também procuram influenciar as políticas públicas para o benefício da população. Após uma história de engajamento em filantropia “reativa” – recebendo milhares de solicitações para contribuições financeiras – a família decidiu recentemente tornar-se mais pró-ativa. Ela constituiu *El Compromiso*, um empreendimento filantrópico, sem fins lucrativos, descrito “como um contrato com sua audiência para influenciar a opinião pública, as políticas públicas e o comportamento individual em questões de importância para sua audiência e para a nação.” *El Compromiso* tem cinco pilares: educação, cultura, saúde, justiça, meio ambiente e segurança. Para cada uma dessas prioridades, eles lançam campanhas de mídia de assinaturas e programações especiais, além de empreenderem rigorosas pesquisas. No prazo de 10 anos, o instituto desenvolveu seis campanhas de informações, visando educar pais sobre questões de desenvolvimento de crianças, evoluindo de práticas de lavagem de mãos e nutrição básica infantil até o ensino às crianças. Outras campanhas procuraram promover a importância da água limpa e ações contra as mudanças climáticas.

Em 2013, a família criou uma entidade separada para promover essas metas. Atualmente localizada dentro da empresa, *El Compromiso* está prestes a se tornar uma organização independente. A família quer torná-la independente da empresa, para que o trabalho da ONG beneficie o público e também outros meios de comunicação pública e jornalistas, não apenas o *Grupo RPP*. Embora

seja dirigida pela família nos primeiros 2 anos, o plano é desenvolver alianças com outras fontes de captação de recursos, de modo a diversificar e expandir o conjunto de recursos.

Abordagens baseadas na comunidade nas doações

Apesar de muitos filantropos focarem questões específicas, tais como educação ou patrimônio cultural, vistas como essenciais para o desenvolvimento nacional e que muitas vezes incluem metas específicas de desenvolvimento comunitário, outros filantropos adotam uma abordagem mais integrada, baseada em desenvolvimento comunitário.

Como exemplo, Joaquín de la Piedra descreve seus esforços para assessorar comunidades na região do Puno. Puno é uma importante região agropecuária e, apesar de se beneficiar um pouco do turismo ao redor do Lago Titicaca, muitas pessoas nas áreas rurais da região sofrem com a falta de serviços e necessidades básicas. Quase metade da população mora em residências sem água potável ou eletricidade, quase um terço está desnutrida e um quarto é analfabeta²³. De la Piedra começou construindo uma escola, mas logo reconheceu as causas subjacentes da pobreza da região e a necessidade de uma abordagem mais holística.

Assim, em 2007, ele constituiu a *Kusimayo*, uma organização sem fins lucrativos dedicada a melhorar as condições de vida para os afetados pela pobreza e desnutrição. *Kusimayo* trabalha agora em 17 comunidades em Puno, e dirige várias iniciativas inter-relacionadas, para reduzir a pobreza e melhorar as condições de vida, inclusive um programa de café da manhã em 15 escolas do ensino infantil, para melhorar a nutrição infantil; um programa para melhorar amplamente as condições de vida em um asilo para idosos; um programa para introduzir novas tecnologias agrícolas para pequenos agricultores; uma nova e ambiciosa iniciativa *K'oñichuyawsi (Quechua para Casa Quente e Limpa)*, que foca na melhoria significativa das condições de vida através da modificação de casas com três tecnologias, incluindo a construção de uma cozinha aprimorada, uma parede quente, vedação e isolamento de paredes e de telhados. Juntas, essas tecnologias podem aumentar a temperatura interna das casas em 10 graus e remover fumaça perigosa da cozinha de dentro das casas. A meta consiste em renovar 50 casas por ano. O custo de cada renovação é de aproximadamente PEN\$1.500 (US\$500) e as famílias fornecem a mão de obra.

Plataformas e estratégias filantrópicas

A maior parte das pessoas engajadas filantropicamente no Peru parece que prefere doar diretamente a uma organização ou iniciativa, do que constituir uma instituição para organizar e implementar as suas metas filantrópicas. Conforme destacado anteriormente, existe um número muito limitado de fundações independentes no Peru, as quais operam principalmente com recursos privados de uma pessoa ou família. Com relação às organizações de benefícios sociais constituídas por pessoas ou famílias, a maioria é uma organização sem fins lucrativos que opera ativamente seus próprios programas e busca uma variedade de recursos para sustentar suas metas e atividades.

As instituições filantrópicas aumentam seu foco e impacto

As pessoas e famílias que constituíram fundações ou entidades sem fins lucrativos descrevem essas instituições como meio de criar mais foco e atingir mais impacto. Tony Custer explicou que, embora difícil burocraticamente, ele constituiu uma fundação independente por várias razões: a fundação focava suas metas filantrópicas, ajudava a atrair outros recursos para a sua missão e era uma importante forma de demonstrar o impacto potencial da filantropia privada e encorajar outros peruanos a se tornarem mais engajados.

Conforme mencionado anteriormente, Frida Delgado Nachtigall e sua família estão em processo de estabelecer uma ONG legalmente registrada, para se tornar mais proativa, focada e independente da empresa. A nova ONG, *Integración*, será dirigida pela família, que planeja prover os recursos da entidade nos primeiros 2 anos e, posteriormente, desenvolver alianças que aumentarão seus próprios recursos. Felipe Ortiz de Zevallos descreveu, de forma semelhante, como o *Grupo APOYO* constituiu uma organização sem fins lucrativos separada, o *Instituto APOYO*, para estruturar e ampliar suas metas filantrópicas e de benefícios públicos. E apesar de o instituto agir de forma independente, ele recebe suporte administrativo e profissional das empresas do *Grupo APOYO*.

Anonimato frequentemente procurado nas doações

É provável que um dos fatores que contribuem para o relativamente limitado número de fundações é um forte desejo de anonimato, entre muitos deles, sobre suas doações. Martín Beaumont, ex-diretor de programas da *Fundación Avina* (*Fundação Avina*), observou que a maior parte da filantropia no Peru não é pública. Ele sugere que as pessoas podem não ver qualquer benefício público ou incentivos pessoais para fazer doações publicamente e, em vez disso, preferem manter um perfil discreto. Muitas pessoas admitiram que, se mais atividades filantrópicas fossem feitas abertamente, isso ajudaria a encorajar outros a fazerem doações. Ao mesmo tempo, muitos dos entrevistados e dos que responderam a pesquisa disseram que quase todos fazem suas doações anonimamente. O caráter dos peruanos foi descrito consistentemente como “quieto”, “discreto” e “sem pretensões”. Diversos motivos foram dados para essas abordagens anônimas; para alguns, elas são devidas as convicções religiosas ou valores da família; para outros, o fato de não estarem procurando reconhecimento por suas doações à caridade; para outros, ainda, para não chamar a atenção para sua riqueza; e, finalmente, alguns estavam genuinamente preocupados com os riscos para eles e para suas famílias.

Uma pessoa falou sobre anonimato em relação a diferentes metas de doação: “A caridade pode e provavelmente deve ser anônima. Porém, se você deseja criar uma mudança real e sustentável, é melhor usar o seu nome.” Compreensivelmente, muitos também pediram para que seus comentários para este estudo não fossem atribuídos diretamente a eles.

Captação de fundos é a regra

Virtualmente todas as instituições filantrópicas identificadas nesta pesquisa, mesmo aquelas com fundos consideráveis de uma pessoa ou família, procuram captar recursos de outros. Essa prática se aplica em toda a América Latina e provavelmente se origina de uma variedade de fatores, inclusive uma tradição limitada de fazer doações e um sistema jurídico que não faz distinções claras entre as instituições doadoras e as receptoras de recursos. Adicionalmente, filantropos na região frequentemente adotam uma abordagem “voltada a resultados” para suas doações, através das quais identificam um problema que eles queiram abordar – por exemplo, desigualdade educacional, pobreza rural ou perda do patrimônio cultural – determinam as metas que esperam alcançar e empregam uma variedade de diferentes estratégias e métodos para alcançar essas metas, inclusive tentando trazer mais recursos para colocar no problema.

As fundações procuram recursos de forma variada, incluindo a formação de alianças e solicitando apoio de amigos e parceiros. Algumas também criaram portais de doações online e outros organizam eventos para captar recursos. Por exemplo, a *Kusimayo* capta recursos através de um evento de arte anual para o qual artistas peruanos doam suas obras.

As fundações preferem operar seus próprios programas

A maioria das instituições filantrópicas opera seus próprios programas. Esta pesquisa não identificou qualquer fundação no Peru, cuja principal estratégia fosse fornecer doações em apoio ao trabalho de ONGs, apesar de algumas fundações poderem algumas vezes e esporadicamente fazer doações. Parece, também, que o emprego de outras estratégias de investimento filantrópico, como investimento social de impacto, investimentos de capital ou empréstimos, é limitado. No entanto, tanto os entrevistados como os que responderam a pesquisa enfatizaram seu claro interesse em aprender mais sobre as várias abordagens usadas em outros países da América Latina, ou em outros lugares do mundo. Entre os que responderam a pesquisa, a maioria indicou que estava interessada ou muito interessada em conceitos como filantropia de risco (*venture philanthropy*), investimento de impacto e filantropia coletiva de impacto.

Parcerias percebidas como limitadas mas importantes

No Peru, existem alguns exemplos positivos de fortes parcerias que promovem missões filantrópicas e sociais, algumas das quais incluem o governo ou o setor empresarial. Ao mesmo tempo, os entrevistados expressaram opiniões bem diferentes sobre o benefício de parcerias.

Para a *Fundação Wiese*, as parcerias são estratégicas. Eles trabalharam com o governo por mais de 30 anos e nos últimos anos essas parcerias ficaram mais estreitas e são vistas agora como críticas para a realização de objetivos ambiciosos. Como Marco Aveggio explicou: *“As parcerias são críticas para se alcançar qualquer impacto em larga escala. O governo precisa de ajuda do setor privado. Nós precisamos construir mais pontes entre os setores.”* Da mesma forma, as parcerias de Frida Delgado Nachtigall foram uma forma de capitalizar a sinergia de diferentes setores e organizações. Nas atividades filantrópicas do *Grupo RPP*, eles criaram fortes alianças com vários ministérios governamentais e outros parceiros públicos e privados. Por exemplo, o *Grupo RPP* trabalhou com o Ministério de Desenvolvimento e Inclusão Social em uma campanha de 24 semanas, para informar pais sobre a importância do desenvolvimento na primeira infância. A fundação também realizou empreendimentos separados com o Ministério das Mulheres, assim como a Alicorp, a maior empresa peruana de bens de consumo, em múltiplas campanhas para promover a importância da nutrição de crianças. Eles também trabalharam com o PNUD e com outros grupos internacionais, incluindo agências de assistência suíças, alemãs, espanholas e americanas, o BID e o Banco Mundial.

Em contraste, outros entrevistados declararam que tinham uma política explícita de não trabalhar com o governo. Eles sugeriram que motivos políticos poderiam desviar as metas e atividades filantrópicas, e que havia certa preocupação com a corrupção política. Mais amplamente, algumas pessoas disseram que historicamente as pessoas e instituições queriam manter distância do governo, e achavam que a falta de confiança contínua no governo restringia quaisquer parcerias potenciais. Algumas pessoas eram bem mais otimistas e achavam que a situação estava mudando, e que haveria uma maior possibilidade de parcerias.

Olhando para o futuro: Desafios e oportunidades

As perspectivas para o aumento da filantropia peruana são ao mesmo tempo desafiadoras e cautelosamente promissoras, como na maioria dos países estudados. Embora haja claros obstáculos para o desenvolvimento do setor filantrópico – inclusive a falta de precedentes históricos de filantropia em larga escala visando mudança social – desafios burocráticos que impedem doações e apreensão residual em um clima pós-guerra civil, existe também um clima de otimismo que, com estabilidade política, crescimento econômico e orgulho nacional, a filantropia privada está crescendo e continuará a fazê-lo. Como um entrevistado observou: *“A riqueza no Peru é nova; as pessoas ainda estão desenvolvendo sua segurança financeira. Com firme crescimento econômico, pela primeira vez, as pessoas podem começar a projetar a riqueza e, talvez, começar a efetuar compromissos filantrópicos de mais longo prazo.”*

Confiança societal espelhada na filantropia

Apesar de raramente estudado, pode haver uma correlação entre o nível geral de confiança em um país e o escopo e escala de suas doações filantrópicas. Como resultado da história do país, os cidadãos de patrimônio elevado do Peru, assim como a maior parte da população, não confiam geralmente nos dirigentes governamentais ou em qualquer pessoa no poder. Os que responderam a pesquisa acreditavam que essa questão era a grande barreira à maior filantropia no Peru.

O nível de confiança da sociedade foi descrito pelo renomado economista William Easterly como a extensão em que uma pessoa confia em estranhos – aqueles que não fazem parte da família ampliada, clã ou vila²⁴. Por extensão, em uma sociedade com baixo nível de confiança, caracterizada pela confiança apenas em amigos e família, as doações para instituições e iniciativas dirigidas por estranhos serão presumivelmente limitadas. Isso não deveria afetar a generosidade para com as pessoas e mesmo organizações de nossa comunidade, mas impactaria doações e donativos institucionais mais amplos. Cynthia Sanborn explicou: *“Por vários motivos históricos, existe uma severa falta de confiança no Peru. As pessoas não confiam em instituições – sejam públicas ou privadas. Assim sendo, as pessoas fazem doações para ajudar as pessoas a sua volta, mas são muito relutantes em fazer doações a organizações”*.

Pior ainda, existem algumas pessoas que lembraram a violência no passado não muito distante, e indicaram que por isso eram muito relutantes em se expor ou expor suas famílias a riscos potenciais, através da associação com organizações sem fins lucrativos ou com doações filantrópicas visíveis.

Portanto, enquanto as doações para pessoas e algumas organizações muito conhecidas podem ser muito difundidas, a falta de confiança provavelmente restringe doações para uma base mais ampla.

Desenvolvendo solidariedade entre grupos sociais

Apesar de sua forte identidade nacional, os entrevistados enfatizaram a falta de solidariedade no Peru. Alguns apontavam para a história hierárquica do país, onde tanto os incas como os espanhóis eram sociedades altamente estratificadas. De acordo com Joaquín de la Piedra: *“600 anos de indiferença e exploração dos Aymarás construiu uma falta de confiança significativa entre grupos.”* Tony Custer concordou com essa visão e ressaltou que, no Peru, não existe virtualmente qualquer solidariedade fora da família. Outra pessoa acrescentou: *“A classe social mais alta é composta por um número pequeno de famílias, as quais são muito unidas e isoladas. Essas pessoas não veem qualquer satisfação em ajudar os outros.”* O resultado desses fatores é que a maior parte das pessoas não tem ciência ou ignora os problemas dos outros. Como uma pessoa observou: *“Em Lima, você cria uma barreira contra a pobreza”*.

Mesmo admitindo esse desafio social, muitos entrevistados expressaram otimismo de que a situação está mudando, mesmo que lentamente. Nos últimos 30 anos, a sociedade peruana deixou claros sinais de esforços em incluir e reconhecer populações indígenas, como os Quéchuas e os Aimarás, assim como a população mestiça, grupos que, durante séculos, foram marginalizados social e economicamente. Além disso, conforme discutido anteriormente, foram dados passos tangíveis para mostrar o rico patrimônio arqueológico do Peru, sua culinária excelente e única e, ainda mais importante, novos esforços para assegurar às populações locais, os benefícios do turismo ampliado e de outros programas de desenvolvimento. Conforme mencionado anteriormente, o programa *Adote um Terraço* reúne esforços de preservação à inclusão social para apoiar pequenos agricultores e a população rural, e a *Fundação Wiese* apoia o desenvolvimento de destinos turísticos autossuficientes, que beneficiem a população local, fortalecendo suas pequenas e microempresas. Esforços contínuos como os mencionados, que melhor integram as diferentes populações do Peru e criam coesão social, podem contribuir para maiores níveis de confiança, solidariedade e generosidade.

Cynthia Sanborn disse que se sentia encorajada pelo crescente interesse dos jovens pela responsabilidade social e engajamento. Ela observou que, entre os estudantes da *Universidade do Pacífico*, havia um aumento no voluntariado organizado, e mais estudantes estavam considerando trabalhar com organizações sem fins lucrativos, ou mesmo criando sua própria organização. Vários entrevistados também sugeriram que o Peru se beneficiará enormemente, expondo diretamente e melhor educando seus jovens sobre as realidades socioeconômicas da nação.

Percepção do setor das ONGs restringem as doações

As ONGs eram geralmente vistas como sendo fracas, não profissionais e, em alguns casos, corruptas (alguns doadores perderam dinheiro com ONGs inescrupulosas): uma percepção que restringe as doações no país. No entanto, as entrevistas indicaram que ainda existem grupos exemplares, que são profissionais, honestos e que fazem a diferença. Alguns ainda acreditavam que a Igreja Católica era o melhor exemplo, enquanto outros acreditavam que as organizações seculares eram melhores. Outros acrescentaram ainda que, destacar ONGs que fizeram um excelente trabalho seria um meio útil para mudar as atitudes em relação ao setor e, em última análise, aumentar os fluxos de filantropia. Uma pessoa sugeriu o desenvolvimento de um índice de classificação para as ONGs, que avaliaria o desempenho das mesmas de acordo com várias medidas.

Infraestrutura para apoiar e promover a filantropia

Entre os seis países, Peru é o que tem as infraestruturas menos desenvolvidas para apoiar o crescimento filantrópico. Existem poucas organizações focadas em: tentar desenvolver um melhor conhecimento sobre a área; tornar a filantropia mais visível; trabalhar para políticas jurídicas e fiscais mais construtivas; desenvolver grupos de parceiros para compartilhar experiências; e/ou apoiar filantropos individuais. Em suma, não existem iniciativas suficientes para promover efetivamente o papel da filantropia.

Apesar dos grandes desafios, a percepção é de que existem muitos peruanos, especialmente os jovens, que estão ansiosos em usar a filantropia e investimentos sociais para fazer a diferença na sociedade peruana. Várias pessoas também sugeriram a importância de modelos a serem seguidos, mais pessoas engajadas em doações inovadoras e que as façam de maneira pública. A especialista em filantropia Cynthia Sanborn enfatizou a importância de uma crescente conscientização pública sobre iniciativas de investimento social, e acreditava que seria importante destacar exemplos inovadores e eficazes de filantropia, especialmente aquela praticada por pessoas ou por famílias. Ela observou que, enquanto as empresas e iniciativas de RSC eram amplamente reconhecidas, as pessoas raramente tiveram reconhecidas as suas contribuições.

Constituir uma organização que consiga encorajar tais ideias, reunir pessoas e criar mais visibilidade, poderia ajudar enormemente o compartilhamento de conhecimentos, a demonstração de impacto e o planejamento de estratégias. Como na maioria dos países, seu sucesso dependerá em grande parte de sua direção. Essa organização também seria útil para conectar filantropos com seus pares em outros países, especialmente no Chile e na Colômbia. Martín Beaumont sugeriu que intercâmbios e *networking* crescentes em toda a região seriam de grande ajuda.

Percepções sobre o papel da filantropia mudando lentamente

A maioria das pessoas no Peru acredita que o governo deveria ser o principal provedor de serviços básicos, e a maioria também acredita que questões como redução da pobreza, educação e saúde são de responsabilidade do estado. Adicionalmente, acreditam também que o governo deveria mitigar sérias desigualdades através da promulgação de políticas. Portanto, muitas pessoas acreditam que, como já pagam impostos, elas não deveriam estar tentando desempenhar também essas funções públicas como pessoas físicas. Dessa forma, elas continuam a ver o papel da filantropia como preenchimento de lacunas, no lugar de condução de mudanças sistêmicas.

Alem disso, como observado anteriormente, os abusos filantrópicos reais ou percebidos no passado deixaram muitas pessoas céticas ou cautelosas sobre doações privadas. Entre os que responderam a pesquisa, a atitude negativa em relação à filantropia foi claramente o mais significativo desafio para o crescimento da filantropia no Peru.

Entretanto, Felipe Custer e outros pensam que os tempos estão mudando. Não apenas mais e mais pessoas estão falando sobre filantropia, mas existem alguns exemplos, se bem que poucos e isolados, de projetos colaborativos entre o setor privado, o governo e as ONGs. Alem disso, várias iniciativas descritas neste capítulo representam exemplos inspiradores de pessoas e famílias que estão tentando alcançar um amplo e equitativo impacto e mudança sistêmica, agindo assim como promotores de mudanças e não como preenchedores de lacunas. De forma otimista, na medida em que mais pessoas virem tanto o benefício social como a satisfação pessoal das doações filantrópicas, muitos acreditam que outras pessoas se unirão aos esforços e se engajarão em doações. Talvez essa mudança possa ser acelerada através de um esforço consciente e de liderança. Repetindo o sentimento de muitos, uma pessoa ressaltou: *“Precisamos tornar a filantropia ‘legal e atrativa’.”*

- ¹ "PIB (US\$ correntes)," Banco Mundial, <http://data.worldbank.org/indicador/NY.GDP.MKTP.CD>
- ² Carmen M. Reinhart and Miguel A. Savastano, "The Realities of Modern Hyperinflation," *Fundo Monetário Internacional*, Junho de 2003. <https://www.imf.org/external/pubs/ft/fandd/2003/06/pdf/reinhard.pdf>
- ³ Bruce H. Kay, "'Fujipopulism' and The Liberal State in Peru, 1990–1995," *Journal of Interamerican Studies and Work Affairs* 38, no. 4 (1996), 57–58. <http://www.latinamericanstudies.org/peru/fujipopulism.pdf>
- ⁴ "Crescimento do PIB (anual %)," Banco Mundial, <http://data.worldbank.org/indicador/NY.GDP.MKTP.KD.ZG>
- ⁵ "Peru Wealth Report 2014," WealthInsight, Fevereiro de 2015, http://www.researchandmarkets.com/reports/2685492/peru_2013_wealth_book#pos-4
- ⁶ Manuel Vigo, "Ten Peruvians on Forbes' Billionaire List," *Peru This Week*, 4 de março de 2013, <http://www.peruthisweek.com/news-ten-peruvians-on-forbes-billionaire-list-13684>
- ⁷ "Índice de Gini (Estimativa do Banco Mundial)," Banco Mundial, <http://data.worldbank.org/indicador/SI.POV.GINI>
- ⁸ "Poverty & Equity: Peru," Banco Mundial, <http://povertydata.worldbank.org/poverty/country/PER>
- ⁹ PNUD Bureau Regional para a América Latina e o Caribe, *Perfil de estratos sociales en América Latina: pobres, vulnerables y clases medias*, (New York: PNUD, 26 de agosto de 2014), 4. http://www.sv.undp.org/content/dam/el_salvador/docs/vih-sida/Grupos_sociales_AL.pdf
- ¹⁰ "Study on the situation of Indigenous children in Peru was presented today," UNICEF Escritório Regional para a América Latina e o Caribe, 19 de agosto de 2010, http://www.unicef.org/lac/media_18656.htm
- ¹¹ "Rural poverty headcount ratio at national poverty lines (percent of rural population)," Banco Mundial, <http://data.worldbank.org/indicador/SI.POV.RUHC>; "Urban poverty headcount ratio at national poverty lines (percent of urban population)," Banco Mundial, <http://data.worldbank.org/indicador/SI.POV.URHC/countries>
- ¹² PNUD Bureau Regional para a América Latina e o Caribe, 4.
- ¹³ Cynthia Sanborn, et al., "Peru" in *Global Civil Society: Dimensions of the Nonprofit Sector*, eds. Lester Salamon, et al., (Baltimore: Johns Hopkins Center for Civil Society Studies, 1999). 449–450.
- ¹⁴ Felipe Portocarrero, "Peruvian Philanthropy," *ReVista Harvard Review of Latin America*, Primavera 2002, <http://revista.drclas.harvard.edu/book/peruvian-philanthropy>
- ¹⁵ Cynthia Sanborn, "Philanthropy in Latin America: Dawn of a new era?" (Powerpoint, Universidad del Pacífico, Lima, Peru, 25 de outubro de, 2012), 9.
- ¹⁶ *Ibid*, 15.
- ¹⁷ Portocarrero.
- ¹⁸ "Peru," Council on Foundations, Julho de 2014, <http://www.cof.org/content/peru>
- ¹⁹ Martiza Asencios, "PERU: Women Workers Forced into Informal Economy" *Inter Press News Service*, 2 de dezembro de 2009, <http://www.ipsnews.net/2009/12/peru-women-workers-forced-into-informal-economy/>
- ²⁰ "Peru," Council on Foundations.
- ²¹ Aprendamos Juntos, <http://www.aprendamosjuntos.org/index.php/en/acerca-de-nosotros-que-hacemos-por-que-lo-hacemos>
- ²² Geneviève Lavoie-Mathieu, "Gastronomic Boom in Peru: Redefining Culture and Identity," *Alternatives International Journal*, 1º de outubro de 2012, <http://www.alterinter.org/spip.php?article3873>
- ²³ "Kusimayo," (Powerpoint, Joaquin de la Piedra, recebido 9 de setembro de 2014), 4.
- ²⁴ William Easterly, *The White Man's Burden*, (New York: Penguin Press, 2006).

Apêndice

Publisher	UBS Philanthropy Advisory Hauser Institute for Civil Society, Harvard University
UBS Philanthropy Advisory	Equipe do Projeto: Silvia Bastante de Unverhau Kai Grunauer-Brachetti Anna-Marie Harling
Hauser Institute for Civil Society, Harvard University	Grupo de Estudos: Paula Doherty Johnson Christine Letts Colleen Kelly Aviva Argote Assessores: David Gergen Merilee Grindle
Contatos	UBS AG Philanthropy Advisory P.O. Box 8098 Zurique Suiça email: sh-philanthropy-advisory@ubs.com www.ubs.com/philanthropy Hauser Institute for Civil Society Harvard University 79 JFK Street Cambridge, MA 02138 Estados Unidos email: paula_johnson@hks.harvard.edu
Design	BLYSS, Zurique
Tradução	Ilona Antonie Beer

Disclaimer/Isenção de Responsabilidade

As opiniões e análises expressas neste relatório são as dos autores e não refletem necessariamente as do Hauser Institute, da John F. Kennedy School of Government ou da Harvard University. Essas opiniões podem não estar alinhadas com as do UBS e do seu Chief Investment Office.

Esta publicação foi preparada exclusivamente para fins informativos e não deve ser interpretada como uma solicitação ou oferta para comprar ou vender quaisquer valores mobiliários ou instrumentos financeiros ou de qualquer outro serviço específico. Apesar de todas as informações e opiniões expressas neste documento terem sido obtidas de fontes que acreditamos serem confiáveis e de boa fé, nenhuma declaração ou garantia, expressa ou implícita, é feita com respeito a sua precisão ou integralidade. Todas as informações e opiniões indicadas estão sujeitas a alterações sem aviso prévio. Determinados serviços e produtos estão sujeitos a dispositivos legais e, portanto, não podem ser oferecidos mundialmente de forma irrestrita. O UBS não pode e não oferece qualquer aconselhamento jurídico, contábil ou fiscal. Em vista disso, você não deve interpretar o conteúdo desta publicação como recomendação ou aconselhamento jurídico, fiscal, contábil ou consultoria de investimento. O UBS recomenda a todas as pessoas que estiverem considerando empreender atividades filantrópicas, obter aconselhamento apropriado e independente, jurídico, fiscal e outros profissionais. Esta publicação não pode ser reproduzida ou distribuída sem a autorização prévia do UBS.

